

REVISITANDO A CONSTRUÇÃO *AGORA*: UMA ABORDAGEM CENTRADA NO USO

Ramilda Viana Gomes da Silva (UESB)

romyviana@yahoo.com.br

Valéria Viana Sousa (UESB)

valeriavianasousa@gmail.com

RESUMO

A proposta de pesquisa, ora apresentada, tem como objetivo geral investigar, em uma perspectiva sincrônica, as construções com *agora*, na modalidade oral, tomando como amostra os *Corpora* do português popular e do português culto de Vitória da Conquista-BA. Assim, realizamos um estudo fundamentado no aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Optamos, para análise de dados, por utilizar o Método Misto, pautado no equacionamento entre a metodologia qualitativa e a quantitativa. Direcionamo-nos, pelas seguintes questões-problema: i) Por entendermos que as categorias gramaticais não são fixas, há outras funções, além de advérbio circunstanciado de tempo, desempenhadas pelo item *agora* no português culto e popular de Vitória da Conquista, na modalidade oral?; ii) Há diferenças entre os usos do *agora* português culto e o português popular?. Aventamos como primeira hipótese que, além do advérbio circunstanciado de tempo, conforme prevê a Tradição Gramatical (TG), o *agora* apresenta polifuncionalidade, desempenhando funções discursivas e conectoras. Em relação à segunda hipótese, espera-se que haja um mesmo uso nos dois *corpora*, embora um seja formado por informantes do português culto e o outro por informantes do português popular. Nossos resultados, ainda preliminares, permitem-nos responder que o *agora* desempenha outras funções além de advérbio circunstanciado de tempo, como, por exemplo, funções conectoras, com traços adversativos, conforme dados dos nossos *corpora*.

Palavras-chave:

Advérbio *agora*. Abordagem Construcional. Linguística Funcional Centrada no Uso.

ABSTRACT

The research proposal presented here has as general objective to investigate, in a synchronic perspective, the constructions with *now*, in the oral modality, taking as a sample the corpora of popular Portuguese and the Portuguese culto de Vitória da Conquista-BA. Thus, we carried out a study based on the theoretical framework of Use-Centered Functional Linguistics (LFCU). We chose, for data analysis, to use the mixed method, based on the equation between qualitative and quantitative methodology. We are guided by the following problem-questions: i) As we understand that grammatical categories are not fixed, there are other functions, in addition to the adverb of time, performed by the item *now* in the cultured and popular Portuguese of Vitória da Conquista, in the oral modality?; ii) Are there differences in the pattern of uses of the *agora* between cultured Portuguese and popular Portuguese?. As a first hypothesis, we propose that, in addition to the adverb that circumscribes time, as predicted by the Grammatical Tradition (TG), the *now* presents polyfunctionality, performing discursive and connecting functions. Regarding the second hypothesis, it is

expected that there is the same pattern of usage in both corpora, although one is formed by informants from educated Portuguese and the other by informants from popular Portuguese. Our results, which are still preliminary, allow us to answer that the now performs other functions in addition to being a time-circumstancing adverb, such as, for example, connecting functions, with adversative traits, according to data from our corpora.

Keywords:

Adverb *agora*. Constructional Approach. Use-Centered Functional Linguistics.

1. Introdução

Esta pesquisa surge do desejo e da necessidade de compreender o que, de fato, está ocorrendo na língua em seus usos concretos, à luz dos postulados do Funcionalismo norte-americano e da Gramática de Construções, na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso (LF-CU). O nosso objetivo geral é investigar, em uma perspectiva sincrônica, as construções com *agora*, na modalidade oral, tomando como amostra os *corpora* do português popular (PPVC) e do português culto (PCVC) de Vitória da Conquista-BA.

Tendo em vista a dinamicidade das línguas, um estudo apenas normativo e prescritivo, conforme a Tradição Gramatical (doravante TG) prevê, não consegue contemplar os diversos fenômenos linguísticos encontrados na língua em funcionamento. A título de exemplo do que é encontrado na TG, deparamo-nos com o *agora*, classificado, apenas, como advérbio circunstanciador de tempo:

Os advérbios recebem a denominação da circunstância ou de outra ideia acessória que expressam.

[...]

g) advérbio de tempo: **agora** (grifo nosso), *ainda, amanhã, anteontem, antes, breve cedo, depois, então, hoje, já, jamais, logo, nunca, ontem, outrora, sempre, tarde*, etc. (CUNHA, 1994, p. 499)

Revisitando autores que já realizaram estudos com os adverbiais na Língua Portuguesa, especialmente sobre o *agora*, percebemos a inadequação da Gramática Normativa (doravante GN), para a análise da língua em uso, uma vez que esses autores apontam diferentes funções desempenhadas pelo *agora* nos usos concretos da língua, conforme exemplo resgatado do trabalho realizado por Oliveira (2009):

(01) I: a informação é imediata ... **agora** ... uma coisa que me preocupa ... hoje em dia na TV ... é .. os programas infantis principalmente ... eu vejo que as crianças elas ... assistem e copiam esse modelos da TV né... (D&G, oral, p. 70). (OLIVEIRA, 2009, p. 83)

No exemplo (01), o *agora* desempenha funções conectoras, com traços adversativos e, assim, não pode ser classificado como um advérbio.

Já existem diversos trabalhos sobre o uso de adverbiais na Língua Portuguesa, a saber: Rios de Oliveira e Cezario (2012), Ilogti de Sá (2015), Cezario *et al.* (2018), Cleres (2018), entre outros. Apesar de todos esses trabalhos tratarem, de alguma forma, dos adverbiais, não podem ser conclusivos, uma vez que são apenas alguns recortes em *corpus* de análise específica. Percebemos que tais estudos apontam para a necessidade de ampliação das pesquisas relacionadas aos adverbiais. Assim, entendemos a relevância deste trabalho, uma vez que será mais uma contribuição aos estudos relacionados aos adverbiais, especificamente ao *agora*, que apresenta um amplo campo de pesquisa, em diferentes perspectivas teóricas.

Considerando que as pesquisas acerca dos adverbiais, especificamente o *agora*, na perspectiva da Gramática de Construções e da LFCU, ainda são tímidas, esta pesquisa justifica-se pela realização de um estudo de estruturas mais complexas acerca do uso do *agora*, apresentando uma abordagem detalhada das ocorrências. A pesquisa também trará impactos sociais, uma vez que as pesquisas linguísticas são determinantes para a ressignificação da educação em língua materna e para o enfrentamento dos desafios na atualidade.

2. *Alguns pressupostos teóricos: o Funcionalismo norte-americano e a Gramática de Construções, na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)*

A grosso modo, podemos dizer que há teorias que se encaixam em uma abordagem formalista e outras que se encaixam em uma abordagem funcionalista. Enquanto o Formalismo focaliza a forma linguística, tomando-a como central na investigação das línguas naturais, o Funcionalismo, considerando sempre a língua em uso, focaliza a função linguística, mais especificamente, a descrição das propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Cabe ressaltar que a nossa pesquisa se enquadra em uma abordagem funcionalista. Trataremos a seguir, de forma panorâmica, dos pressupostos teóricos que amparam a nossa pesquisa, abordando o Funcionalismo norte-americano; a Linguística Funcional Centrada no uso (LFCU); e a Gramática de Construções.

2.1. À luz do Funcionalismo Norte-americano

O surgimento da linguística moderna é geralmente associado à publicação do *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, em 1916. Saussure trouxe a noção de sistema, que, posteriormente, foi substituída por estrutura. Nesse período, a análise linguística estava focada nos elementos internos da língua, em sua estrutura. Cabe ressaltar que o Estruturalismo Linguístico não foi um movimento unificado, apresentando aspectos diversos, de acordo com diferentes autores, conforme pontua Kenedy e Martelotta (2015). Destacamos, aqui, o polo formalista e o polo funcionalista. Enquanto o polo formalista tem como foco a forma linguística e suas características estruturais, o polo funcionalista tem como foco a função linguística e a descrição das propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais.

A linguística moderna nasce predominantemente formalista, com o Estruturalismo e, assim continua, com o Gerativismo. No entanto, outras tendências surgem, em oposição à hegemonia da teoria gerativa-transformacional, como por exemplo, a Sociolinguística, a Linguística Textual, a Análise do Discurso, entre outras. O Funcionalismo é uma dessas tendências. É importante pontuar que estamos nos referindo, aqui, ao Funcionalismo norte-americano, já que o termo “funcionalismo” abrange diferentes modelos teóricos.

A partir de 1970, o Funcionalismo ganhou força, autores como Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón passaram a observar, no estudo da língua, o contexto linguístico e extralinguístico, considerando a língua em seus usos concretos. Nesta perspectiva, a gramática é construída em seus contextos discursivos específicos. A linguagem não é vista simplesmente como instrumento de expressão do pensamento, mas como um instrumento de interação social, com a função de estabelecer relações comunicativas.

Givón (1995) traz os princípios basilares do Funcionalismo: a linguagem é uma atividade sociocultural; a estrutura serve à função cognitiva ou comunicativa; a estrutura é não arbitrária, motivada, icônica; mudança e variação estão sempre presentes; o significado é dependente do contexto e não atômico; as categorias não são discretas; a estrutura é maleável, não rígida; as gramáticas são emergentes; as regras da gramática permitem desvios.

Assim, na concepção de Givón (1995), a língua é vista como um fenômeno social e maleável que sofre pressões constantes de uso, e,

nesse sentido, as formas linguísticas se acomodam às necessidades comunicativas do falante e estão susceptíveis a constantes mudanças e variação. As variações e mudanças linguísticas, por seu turno, são motivadas por fatores linguísticos e contextuais. O sentido é construído dentro de um contexto e as categorias são contínuas, as regras de gramática não são rígidas, o que permite com que novas funções surjam para formas existentes e novas formas emergjam, competindo com outras formas e desempenhando semelhante função.

Isso posto, é possível inserir a nossa pesquisa em uma abordagem funcionalista, já que esta abordagem teórica considera sempre a língua em uso, focalizando a função linguística, que pode variar, uma vez que as regras de gramática não são rígidas.

Para exemplificar, segue uma amostra do nosso *corpus*:

(01) ENTREVISTADOR: Ainda falando sobre a cidade, você tem vontade de morá em ôtro lugar?

INFORMANTE: Não. Eu não tenho não. Eu já falei sobre isso. Não tenho... eu tenho vontade de passá temporadas... temporadas eu tenho, **agora** (grifo nosso) morá... morá mesmo não. (Entrevista – *Corpus PCVC*)

Conforme já dito, a Gramática Normativa classifica o *agora* como um advérbio circunstanciador de tempo, não deixando margem para nenhuma outra função. No entanto, os nossos dados comprovam a impossibilidade de uma classificação rígida das categorias gramaticais frente à dinâmica da língua em uso. Na amostra (01), o *agora* não tem a função de advérbio circunstanciador de tempo, como prevê a GT, mas tem a função de um conector com traços adversativos. O informante quer passar temporadas em outro lugar, mas ele quer morar, permanecer em Vitória da Conquista.

Além de estar inserida nessa grande abordagem teórica, que é o Funcionalismo, a nossa pesquisa abraça a perspectiva da LFCU, que é uma tendência funcionalista, conforme veremos na próxima subseção.

2.2. À luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)

Conforme denominada, a LFCU é uma teoria funcional centrada nos contextos reais de uso da língua. Ela recebe algumas reorientações, uma vez que há um casamento entre o Funcionalismo Norte-americano (Cf. GIVÓN; HOPPER; TRAUGOTT) e a Linguística Cognitiva (Cf. LAKOFF; LANGACKER; CROFT), recebendo, ainda, contribuições da

Gramática de Construções (Cf. CROFT; GOLDBERG). Cabe ressaltar que alguns teóricos entendem que a Gramática de Construções está dentro da Linguística Cognitiva, ou seja, não fazem essa divisão.

Entendemos a função primária da linguagem como a construção de significados, e que essa construção de significados ocorre no processo de interação, nos usos concretos da língua. Assim como Traugott e Trousdale (2021), adotamos uma abordagem baseada no uso e compreendemos que a estrutura linguística deriva de processos cognitivos gerais, ou seja, a estrutura linguística não é inata, os usos contribuem para a estruturação do sistema. Trabalhamos, assim, com a ideia de um sistema linguístico dinâmico, suscetível de variação e mudança, conforme Bybee (2006; 2010).

Em Bybee (2016), vamos encontrar alguns processos cognitivos de domínio geral que estão envolvidos na linguagem:

Categorização é o mais difundido desses processos, dado que ele interage com os outros. Por categorização, me refiro à similaridade ou emparelhamento de identidade que ocorre quando palavras e sintagmas, bem como suas partes componentes são reconhecidos e associados a representações estocadas.

Chunking (agrupamento) é o processo pelo qual seqüências de unidades que são usadas juntas se combinam para formar unidades mais complexas.

Memória enriquecida se refere à estocagem mental de detalhes da experiência com a língua, incluindo detalhes fonéticos para palavras e sintagmas, contextos de uso, significados e inferências associadas a enunciados.

Analogia é o processo pelo qual enunciados novos são criados com base em enunciados de experiências prévias.

A lista de processos de domínio geral também inclui a capacidade para fazer *associações transmodais* (grifo nosso), que fornece o elo entre significado e forma. (BYBEE, 2016, p. 26-7)

Por meio desses processos cognitivos de domínio geral, trazidos por Bybee (2016), é possível compreender melhor como as línguas funcionam, como as línguas variam, como as línguas mudam, já que através desses processos surgem novas construções. As considerações da autora contrariam o pensamento formalista, de que a linguagem é restrita a uma parte específica da cognição. Do mesmo modo, a LFCU concebe a estrutura linguística como resultado, também, desses processos cognitivos de domínio geral.

Seguimos na próxima subseção, apresentando alguns pressupostos da Gramática de Construções.

2.3. À luz da Gramática de Construções

Conforme já dito, a nossa pesquisa segue na perspectiva da LFCU, porém, é importante conhecermos um pouco da Gramática de Construções, uma vez que a LFCU tem incorporado aspectos da Gramática de Construções ao seu quadro teórico-metodológico.

Conforme Traugott e Trousdale (2021), em uma abordagem construcional a língua é constituída de pareamentos de forma-significado, ou como também conceituamos, pareamentos de forma-função. Estes pareamentos são denominados construções, que são organizadas em redes. Assim, a unidade básica da gramática é a construção.

A Gramática de Construções emergiu na década de 1980, sendo importante ressaltar que não se trata de um modelo único. Existem várias versões de Gramática de Construções, a saber: Gramática de Construção Berkeley (Cf. FILLMORE, 1988; FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988; FILLMORE; KAY, 1997; FILLMORE, 2013); Gramática de Construção Baseada no Signo (Cf. BOAS; SAG, 2012); Gramática de Construção Cognitiva (Cf. GOLDBERG, 1995; 2003; 2006); Gramática de Construção Radical (Cf. CROFT, 2001); Gramática Cognitiva (Cf. LANGACKER, 1987; 1991; 2005); Gramática de Construção Fluída (Cf. STEELS, 2011); Gramática de Construção Embodied (Cf. BERGEN; CHANG, 2005). Apesar dessa diversidade de modelos da Gramática de Construções, Goldberg (2013) identificou quatro princípios compartilhados por todas essas abordagens e outro compartilhado pela maioria, conforme posto em Traugott e Trousdale (2021):

(a) A unidade básica da gramática é a construção, um pareamento convencional de forma e significado (cf., p. ex., LAKOFF, 1987; FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988; GOLDBERG, 1995; 2006).

(b) A estrutura semântica é mapeada diretamente na estrutura sintática superficial, sem derivações (Cf. GOLDBERG, 2002; CULICOVER; JAKENDOFF, 2005).

(c) A língua, como outros sistemas cognitivos, é uma rede de nós e elos entre os nós; as associações entre alguns desses nós tomam a forma de hierarquias de herança (relações taxonômicas que capturam o grau em que propriedades de construções de nível mais baixo são previsíveis a partir de construções mais gerais. (Cf., p. ex., LANGACKER, 1987; HUDSON, 1990; 2007 a).

(d) A variação translingüística (e dialetal) pode ser explicada de vários modos, inclusive processos cognitivos de domínio geral (cf., p. ex., BY-

BEE, 2010; GOLDBERG, 2013) e construções específicas da língua (cf., p. ex., CROFT, 2001; HASPELMATH, 2008).

(e) A estrutura da língua é moldada pelo uso da língua (Cf., p. ex., BARLOW; KEMMER, 2000; BAYBEE, 2010).

Os princípios (a), (b), (c) e (d) são compartilhados por todos os modelos citados, já o princípio (e) é compartilhado pela maioria dos modelos. Cabe ainda ressaltar que as abordagens construcionais concebem a gramática como uma estrutura holística, ou seja, não há supremacia de nenhum nível da gramática, os níveis fonológico, morfossintático, semântico e pragmático funcionam juntos.

Diante da diversidade de modelos construcionais, assumimos os modelos que estão mais de acordo com a nossa pesquisa: a Gramática de Construção Cognitiva (Cf. GOLDBERG, 1995; 2003; 2006) e a Gramática de Construção Radical (Cf. CROFT, 2001).

De acordo com Traugott e Trousdale (2021), a construção é representada pelo modelo básico $[[F]] \leftrightarrow [[S]]$, no qual F é a abreviatura de forma, que inclui a Sintaxe, a Morfologia e a Fonologia, enquanto S é abreviatura de significado, mais especificamente, Discurso, Semântica e Pragmática. Os autores explicitam ainda que “a flecha de duas cabeças, emprestada de Booij (2010), especifica o elo entre forma e significado, e os colchetes externos denotam que o pareamento forma-significado é uma unidade convencionalizada” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 36). Para melhor compreensão, observemos a Figura 1:

Figura 1.

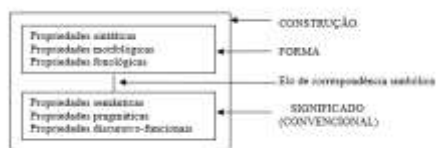


Figura 1. Propriedades de forma e sentido da construção

Fonte: Croft e Cruse (2004, p. 258).

O pareamento aqui descrito pode ser pensado, ainda, em termos de dimensões gradientes: i) tamanho (atômica, complexa, intermediária); ii) especificidade (substantiva, esquemática, intermediária); e iii) conceito (lexical, procedural, intermediária). Conforme Traugott e Trousdale (2021), há três outros fatores frequentemente discutidos na literatura sobre Gramática de Construções: *esquematicidade*, que diz respeito ao quão geral ou subespecificada é uma construção; *produtividade*, refere-se à

generalidade e extensibilidade do tipo construcional; e *composicionalidade*, relacionada ao nível de opacidade/transparência dos componentes, nível de analisabilidade.

Outro ponto a ser ressaltado é a metáfora da rede, já que não é possível falar em Gramática de Construções sem abordar as redes construcionais. Na visão de Goldberg (2003), a totalidade do nosso conhecimento da língua é apreendida através de uma rede de construções; e Croft (2007a) identifica dois princípios fundamentais por trás da Gramática de Construções: um pareamento de estrutura e significado complexos e a associação desses pareamentos em uma rede. É interessante que essa visão de estrutura linguística associada a uma rede está de acordo com a psicologia cognitiva, que também vê outros aspectos do conhecimento organizados em rede. Para a linguística cognitiva toda a arquitetura da língua pode ser descrita formalmente em termos de nós (em uma rede) e suas relações, o que difere das abordagens modulares da estrutura linguística, que estabelecem fronteiras entre os níveis da gramática.

Traugott e Trousdale (2021) trazem, ainda, conceitos importantes para a Gramática de Construção: *construcionalização* e *mudança construcional*. Assim, os autores definem:

Construcionalização é a criação de (combinações) signos forma_{nova} - significado_{novo}. Ela forma novos tipos de nós, que têm novas sintaxe ou morfologia e novo significado codificado, na rede linguística de uma população de falantes. Ela é acompanhada de mudanças no grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização de esquemas sempre resulta de uma sucessão de micropassos e, portanto, é gradual. Novas microconstruções podem igualmente ser criadas gradualmente, mas elas também podem ser instantâneas. Microconstruções criadas gradualmente tendem a ser procedurais e micro construções criadas instantaneamente tendem a ser de conteúdo. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 58)

Uma **mudança construcional** é uma mudança que afeta uma dimensão interna de uma construção. Ela não envolve a criação de um novo nó. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2021, p. 65)

Dessa forma, podemos dizer que ocorre a construcionalização quando a mudança se dá no polo da forma e no polo da função, surgindo um novo nó na rede, uma nova construção. Já a mudança construcional ocorre quando a mudança se dá apenas em um polo, o que não gera um novo nó na rede.

Há muito o que se discutir acerca da Gramática de Construções, apresentamos, aqui, apenas um panorama geral, para dar conta da utiliza-

ção, em nossa pesquisa, de alguns conceitos trazidos por essa abordagem teórica, como por exemplo, o conceito de construção.

Na próxima subseção trataremos, de forma panorâmica, da Gramática de Construções, já que bebemos também nessa fonte para realização da nossa pesquisa.

Na próxima subseção seguimos com a metodologia.

3. Metodologia

Conforme posto na introdução, investigamos a construção *agora*, à luz dos postulados do Funcionalismo norte-americano e da Gramática de Construções, na perspectiva da LFCU, conforme vista em: Bybee (2010); Traugott, Trousdale (2013); Rosário, Oliveira (2016). Ocupamos, nesta pesquisa, em realizar um estudo sincrônico, investigando as construções com *agora*, no Português Culto e Popular de Vitória da Conquista-BA.

Optamos por utilizar o Método Misto, pautado no equacionamento entre a metodologia qualitativa e a quantitativa, conforme Cunha Lacerda (2016). Cabe ressaltar que a nossa pesquisa é empírica, baseada em dados reais de língua.

A nossa amostra, para realização da pesquisa, é extraída dos *corpora* das variedades popular e culta do português brasileiro falado na cidade de Vitória da Conquista-BA. Os dados foram coletados pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio)Funcionalismo – CNPq. Os *corpora* são compostos por 48 (quarenta e oito) entrevistas. Desse total, 24 (vinte e quatro) entrevistas foram feitas com falantes que tinham 11 (onze) anos ou mais de escolaridade, formando, assim, o *Corpus* do PCVC e as outras 24 (vinte e quatro) entrevistas foram realizadas com informantes sem escolaridade ou com apenas 5 (cinco) anos de escolarização, constituindo o *corpus* PPVC.

Apresentaremos a seguir os resultados da nossa pesquisa, ainda parciais.

4. Resultados e discussão

A nossa pesquisa, em estágio inicial, traz resultados ainda preliminares. Direcionamo-nos, pelas seguintes questões-problema: i) Por en-

tendermos que as categorias gramaticais não são fixas, há outras funções, além de advérbio circunstanciador de tempo, desempenhadas pelo *agora* no português culto e popular de Vitória da Conquista, na modalidade oral?; ii) Há diferenças entre os usos do *agora* no português culto e o português popular?.

Para responder a essas questões, consideramos, para a primeira hipótese que, além do advérbio circunstanciador de tempo, conforme prevê a Tradição Gramatical (TG), o *agora* apresenta polifuncionalidade, desempenhando funções discursivas e conectoras. E, para segunda hipótese, espera-se que haja um mesmo uso nos dois *corpora*, embora um seja formado por informantes do português culto e o outro por informantes do português popular. Vejamos o que é possível responder preliminarmente. Assim como na revisão de literatura, os nossos dados comprovam a impossibilidade de uma classificação rígida das categorias gramaticais frente à dinâmica da língua em uso. Seguem dois exemplos do *corpus* do PPVC:

(01) ENTREVISTADOR: O senhor me disse que tem irmãos. Quantos irmãos o senhor tem?

INFORMANTE: Ir... irmão eu só tem um homi, **agora** (grifo nosso) eu tem umas quatro irmã mulé. (Entrevista – *Corpus* PPVC)

(02) ENTREVISTADOR: Qual é a sua religião?

INFORMANTE: Religião é católca.

ENTREVISTADOR: Me fala um pouquinho a respeito dela.

INFORMANTE: Bom eu... é como diz, né... e... eu vô na igreja, **agora** (grifo nosso) eu num sô assim um... um católco praticante... eu semp vô na igreja, rezo... vivo contrito a Deus, o importante é isso, né. (Entrevista – *Corpus* PPVC)

O *agora* do exemplo (01) não é um advérbio circunstanciador de tempo, não está especificando esse momento, agora. O que está posto nos dados é que o informante tem quatro irmãs mulheres, o que revela uma oposição, já que irmão homem, ele tem apenas um. Da mesma forma, no exemplo (02), o *agora* tem a função de um conector com traços adversativos, ou seja, ele vai a igreja, mas não é um católico praticante, os traços adversativos são claros, já que se espera que quem vai a igreja, seja praticante.

Analisamos também dados do *corpus* do PCVC:

(03) ENTREVISTADOR: Eu ia lhe perguntá agora o que que cê achava disso, mas já foi respondido, né? Tem mais alguma coisa a complementá?

INFORMANTE: É eu acho... eu vou com... complementá sim. É evidentemente quando a gente vê crianças que têm que trabalhá, tem que trabalhá! {de forma enfática}, isso é uma coisa quase que desumana. Ela não

frequenta a escola porque ela tem que trabalhá, é claro que eu não tô falando disso, né? Isso aí é algo que nos tempos de hoje já não se admite, né? Mas condenar pai e mãe eh... porque um filho tem que fazê um ou outro serviço, eu não vejo esse escândalo todo não. Acho que não mata ninguém não. **Agora** (grifo nosso) evidentemente que escravizar e explorar o trabalho infantil evidentemente que isso é injustiça, é acima de tudo uma injustiça. (Entrevista – *Corpus PCVC*)

(04) ENTREVISTADOR: Ainda falando sobre a cidade, você tem vontade de morá em ôtro lugar?

INFORMANTE: Não. Eu não tenho não. Eu já falei sobre isso. Não tenho... eu tenho vontade de passá temporadas... temporadas eu tenho, **agoramorá**... morá mesmo não. Vitória da Conquista. (Entrevista – *Corpus PCVC*)

No exemplo (03), mais uma vez, a construção *agora* apresenta traços adversativos. O informante não vê problema que a criança faça um serviço ou outro, porém, não concorda que a criança seja escravizada, explorada, o *agora* está substituindo, nesse contexto, o “mas”, o “porém”, enfim, as chamadas conjunções adversativas. O exemplo (04) também confirma a função conectora com traços adversativos da construção *agora*. O informante quer passar temporadas em outro lugar, mas ele quer permanecer morando em Vitória da Conquista.

Dessa forma, fica evidenciado nos exemplos analisados que o *agora* desempenha funções conectoras, com traços adversativos e, assim, não pode ser classificado apenas como um advérbio, já que, segundo a TG, “Advérbios são palavras que se juntam a verbos, para imprimir circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal, e a adjetivos, para intensificar uma qualidade: (...)” (CUNHA, 1994, p. 499). O *agora*, aqui analisado, não se relaciona a verbos ou adjetivos, mas estabelece marcas de oposição entre orações.

5. *Algumas considerações*

A nossa pesquisa, em seu estágio inicial, com resultados ainda preliminares, permitiu-nos responder a primeira questão e confirmar a primeira hipótese: a construção *agora* desempenha outras funções além de advérbio circunstanciador de tempo, como, por exemplo, funções conectoras, com traços adversativos, conforme dados dos nossos *corpora*. Em relação à segunda hipótese, ainda não é possível responder se o *agora*, com funções não previstas pela TG, aparece com maior frequência no português popular, uma vez que há a necessidade de análise de quantida-

de maior de dados, mas é possível afirmar que aparece nas duas modalidades: PPCV e PCVC.

Entendemos que seja preciso levar as pesquisas linguísticas para dentro da sala de aula. Cabe ao professor, nesse contexto, reconhecendo a heterogeneidade linguística como uma característica inerente às línguas, colocar o aluno no lugar de reflexão acerca da língua materna e, assim, contribuir para um ensino que considere a relevância da língua em funcionamento para o enfrentamento dos desafios atuais, inclusive o de inserção das falas desses alunos em análises linguísticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CEZARIO, M. M. C. *et al.* Os advérbios: aspectos históricos e usos atuais. In: LOPES, C.R.S. *História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2018. (v. 1. 416p.)

CLERES, D. S. *Construções com agora em jornais do século XIX: uma perspectiva centrada no uso*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFRJ, 2018.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. 12. ed. Brasília: FAE, 1994.

ILOGTI DE SÁ, E. C. *Aconteceu em 2015 e En 2015 il est arrivé: Ordenação dos Circunstanciais Temporais e Aspectuais no Português e no Francês*/Érika Cristine Ilogti de Sá. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2015.

LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*. Revista do programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume Especial, p. 83-101, dez de 2016.

OLIVEIRA, M. J. *Conectores adversativos na fala do natalense: uma análise funcionalista com implicações para o ensino*. Dissertação (Mestrado) – Natal, UFRN, 2009.

RIOS DE OLIVEIRA, M.; (Org.); CEZARIO, M. M. C. (Orgs). *Adverbiais: aspectos gramaticais e pressões discursivas*. Niterói; UFF, 2012 v. 1. 291p.

ROSÁRIO, I. C. OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, 60 (2), p. 233-59, 2016.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.